

FINANÇAS PÚBLICAS

Crise financeira é pior nas pequenas cidades

Divida Pública

Evelson de Freitas/AE

Biritiba Mirim é retrato de municípios que já atrasam pagamentos e enfrentam maior pressão social

CONRADO CORSALETTE

Assessores da prefeitura de Biritiba Mirim, município de 25 mil habitantes da Grande São Paulo, têm gasto longas horas do dia tentando explicar sua situação aos fornecedores: não há dinheiro para pagá-los. Enquanto isso, o prefeito da cidade, Roberto Pereira da Silva (PSDB), recebe em sua própria casa pedidos da população: emprego, remédios, cestas básicas, qualquer tipo de ajuda. “Na hora do almoço, à noite, sempre tem alguém pedindo algo”, conta o prefeito. “É o que acontece numa cidade pequena.”

Biritiba Mirim é um retrato da situação de centenas de outras cidades do País. Com a queda acentuada dos repasses do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) por parte da União, as prefeituras de municípios com até 50 mil habitantes – que dependem fundamentalmente do fundo para pagar suas contas – têm de conviver com a inadimplência a seus fornecedores, o risco de não fechar as contas no final do ano e o aumento da pressão social.

“Numa crise social como esta, com muito desemprego, a pressão de demanda de serviços por parte da população aumenta e a receita (das prefeituras) não acompanha esse crescimento”, atesta o economista Amir Khair, consultor da Associação Brasileira das Secretarias de Finanças e ex-secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo. “É um sanduíche em cima dos prefeitos”, completa o economista.

A queda nos repasses do FPM nos seis primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período de 2002 é de 7,2% reais em todo País – descontada a inflação do período com base no IPCA. As cidades do Distrito Federal foram as que mais sofreram, com queda de 17,3%. A diminuição do repasse do FPM se deve à queda da arrecadação do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI): 22,5% do total arrecadado desses tributos compõem o fundo dos municípios.

Regionalmente, a queda do FPM ficou assim no primeiro semestre: 7,7% para as cidades do Norte do País, 6,8% para as do Nordeste, 7,2% para as do Sudeste, 7,5% para as do Sul e 8,1% para as do Centro-Oeste. Para os pequenos municípios, porém, a queda é muito mais acentuada, pois seu orçamento é composto basicamente pelo fundo. Já as cidades maiores conseguem se sustentar com impostos municipais, como o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e o Imposto sobre Serviços (ISS).

O orçamento anual de Biritiba Mirim, por exemplo, é de R\$ 15 milhões. O IPTU e o ISS não rendem mais do que R\$ 800 mil. O FPM repassa ao município R\$ 4,5 milhões ao ano. Segundo o diretor de Finanças da



Jair Aparecido de Oliveira e a família, na periferia de Biritiba Mirim: desempregado há 3 anos, pedido de cesta básica está sem resposta

Evelson de Freitas/AE

cidade, Edson Leme, a queda dos repasses em relação ao ano passado já chega a 50% em valores nominais – sem descontar a inflação. Com isso, sobrou para os fornecedores do único hospital municipal: a prefeitura deve à empresa que fornece os medicamentos R\$ 60 mil.

O Fundo Social de Biritiba Mirim contabiliza diariamente os pedidos da população. A cidade tem parcerias com o Estado em programas sociais, mas não consegue atender a todos os necessitados. “A procura tem aumentado bastante e a gente tenta fazer o que pode”, afirma a presidente do fundo e primeira-dama, Lucimara Pereira da Silva.

“Tem dia que a ajuda sai do nosso próprio bolso.”

“A procura tem aumentado bastante e a gente tenta fazer o que pode. Tem dia que a ajuda sai do próprio bolso”

Lucimara Pereira da Silva

Excluídos – Uma das famílias excluídas dos programas é a de Jair Aparecido de Oliveira, que mora na zona rural da cidade. Aos 30 anos, ele está sem

trabalho há pelo menos três. Vive “de bicos”, mas nos últimos sete meses não conseguiu um trabalho provisório sequer. Conta com a ajuda de amigos para sustentar sua mulher, Silvana Aparecida da Silva, de 19 anos, e seu filho Maicon, de 9 meses. Oliveira diz ter se inscrito num programa de cesta básica há quatro meses, mas até agora não recebeu nada.

No fim da semana passada, mantendo seu lema de “não perder a esperança”, Oliveira teve uma boa notícia. Após muita procura, conseguiu “um bico” na montagem das arquibancadas de um dos principais eventos de Biritiba Mirim: a festa de peão. Vai ganhar R\$ 30 por dois dias de trabalho. Segundo ele, será um alívio na vida que leva ao lado de sua família, que divide um barraco de dois cômodos com outras quatro pessoas. “Assim vai indo: a gente tem de lutar com a vida”, afirma ele.

Há alguns quilômetros de Bi-



O prefeito Roberto Pereira da Silva (PSDB) recebe pedidos de auxílio da população até em sua casa

Monalisa Lins/AE



Celso Giglio, da APM: “Os municípios pretendem ter participação maior no bolo tributário”

ritiba Mirim, Salesópolis vive problemas parecidos. “A situação é péssima”, diz o secretário de Finanças José Lineu Miranda. A queda do repasse do FPM, segundo ele, levou a prefeitura a atrasar por quatro meses o pagamento da iluminação pública da cidade à Eletropaulo. A dívida já chega a R\$ 80

mil. “Ainda estamos prestando serviços, mas os pagamentos estão atrasados.”

Outras prefeituras mudaram a rotina e chegaram a tomar medidas drásticas para lidar com a queda dos repasses do FPM. Prefeitos de cidades do Paraná diminuíram o expediente de oito pa-

ra cinco horas e chegaram a parar por um dia para protestar contra a falta de recursos. Em Minas Gerais, a prefeitura de Francisco de Sá radicalizou e demitiu seis de seus oito secretários, além de outros 54 funcionários no esforço para conter as despesas.